

MATERIAL DE ESTUDO PARA PROVA DE OBTENÇÃO REGISTRO PROFISSIONAL DE ARTISTA-DANÇARINO EM DANÇAS ÉTNICAS

TRIBAL FUSION

...

Jamila Salimpour (uma das matriarcas do Estilo Tribal e grande contribuidora na história da Dança do Ventre) começou a usar a palavra “Tribal” no final da década de 1960, quando idealizou a trupe *Bal Anat*, motivada pela intenção de organizar um show de Dança do Ventre para a famosa “Feira da Renascença” (*Renaissance Pleasure Faire*) na Califórnia. Era uma feira de arte, como um imenso circo ao ar livre baseado no século XVI. Continha comida e entretenimento daquela época, juntamente com aparições da Rainha Elizabeth, que dava um prêmio ao melhor artesão em exposição da Feira. Malabaristas, mágicos, mímicos, qualquer tipo de entretenimento era encorajado; e qualquer um que viesse com uma “fantasia de época”, ou qualquer coisa semelhante, poderia entrar sem pagar. Em sua primeira visita à feira, Jamila entrou de graça porque estava coberta dos pés à cabeça em um “figurino de dança beduína”, o que se mostrou ser uma fantasia para o pessoal da Feira.

Na tentativa de justificar a Dança do Ventre no contexto da Feira da Renascença, Jamila criou uma grande “Fantasia Tribal” apresentada como um Show “faz-de-conta” onde ela buscava representar, reconhecer e respeitar as manifestações culturais tradicionais do Oriente Médio, norte da África, da península de Anatólia, do Golfo Pérsico e do Levante, inspirada pelas músicas, pinturas, poesias e revistas as quais conseguia ter acesso. Com isso, logo começaram a classificar a Dança do Ventre como “Estilo Cabaré” (que nós aqui no Brasil conhecemos como estilo “Tradicional” da Dança do Ventre) e “Estilo Tribal”, onde a diferença entre estes estilos eram pequenas variações de movimentação e estilização baseadas nas músicas, no clima e no figurino, mas o vocabulário de dança em si era todo o formato de Jamila Salimpour (que surgiu do que conhecemos como “Era de Ouro da Dança do Ventre” nos anos 40). Sua mistura inovadora do tradicional, folclórico e fantasia inspirou muitas dançarinas e companhias de dança, tais como a “San Francisco Classic Dance Troupe”, fundada por Masha Archer, pintora e escultora que ensinou seus dançarinos a criar arte através da dança.

Masha também chamava a dança que fazia de “Dança do Ventre” sem buscar rótulos para definir seu estilo, mas enfatiza que o que ela estava fazendo era “Americano” (n.t.: estadunidense). Ela chegou a usar os adjetivos “americano” e “tribal” para explicar o que fazia, e indicar que não era original de nenhuma cultura oriental (americano) e feito em grupo (tribal). Sua dança não era restrita ao que aprendeu com Jamila, ao mercado americano da época (anos 70) e nem mesmo às tradições orientais.

Masha Archer deu um rumo diferente à história do Estilo Tribal de Dança do Ventre, fortalecendo e solidificando ainda mais a técnica da dança, onde incorporou a postura altiva de tronco e braços vinda do Flamenco, que achou esteticamente agradável e relevante para a mensagem que queria passar. Essa mensagem, para muitas pessoas, é o principal atrativo do estilo tribal: a dança precisa ser honrada como forma de arte, e as mulheres têm

o direito de retomar essa dança. Era contra a competitividade feminina e tinha como um de seus principais objetivos tirar suas dançarinas de cenas de clubes noturnos, pois julgava que esse cenário não valorizava e nem empoderava as bailarinas. Tinha, inclusive, o mesmo pensamento a respeito do figurino de Dança do Ventre. E, com o objetivo de evitar “distrações” com pernas nuas, seios, cabelos longos, Masha buscou montar um código de vestimenta que emoldurasse o torso, onde estava o foco da sua dança, implantando o uso do choli indiano por baixo do sutiã de moedas, das calças gênio e do turbante, dando bastante ênfase também para o uso de acessórios e jóias étnicas.

Em 1974, Carolena Nericcio começou suas aulas de dança do ventre com Masha e se tornou integrante da *San Francisco Classic Dance Troupe*, que se dissolveu em 1987 fazendo com que Carolena começasse a dar aulas em um pequeno estúdio com o único objetivo de se ter parceiros de dança. Jovem e tatuada, ela atraía outros jovens a viver estilos de vida alternativos, e, com a grande moda de adornos de corpo, Carolena e seus alunos se apresentaram em shows e convenções de tatuagens e se tornaram bem conhecidos na cidade, surgindo assim a necessidade de um nome para o grupo de dança. Foi quando um amigo sugeriu o nome “FatChanceBellyDance”, com base na pergunta tola que as dançarinas recebem frequentemente de espectadores que interpretam a Dança do Ventre como um mero entretenimento exótico para seu prazer pessoal. Em outras palavras, a resposta irônica era: “Grande-chance (Fat-Chance) de você ter um show privado”. E, com o passar do tempo, percebendo as diferenciações do novo estilo, o mesmo foi finalmente chamado de “American Tribal Style® BellyDance”.

Com tantas oportunidades que surgiram ao FCBD®, as apresentações de dança eram em sua maioria improvisadas. Não havia maneira de coreografar, já que o espaço de dança mudava frequentemente, tendo então os dançarinos que realizar as apresentações sem ensaios e sem conhecimento do espaço para dança. Então o processo de criação do ATS® está atrelado ao improviso em grupo, mesclando elementos de um mesmo vocabulário. A este método damos o nome de “Improvisação Coordenada”, que funciona como um sistema de “siga o líder” e baseia-se num vocabulário corporal específico.

Em 1996, Jill Parker (uma das fundadoras do FatChanceBellyDance®) formou a companhia “Ultra Gypsy Dance Theatre” e expandiu o repertório do antigo ATS® integrando outros gêneros de dança e música em seu estilo, que acabou sendo chamado de “Tribal Fusion Belly Dance”. Seu estilo recebia grande influência da Dança do Ventre “Estilo Cabaré” e da estética Vaudeville (estilo de peça teatral que misturava música e comédia). Jill quebrou padrões do ATS®, criando performances totalmente coreografadas não somente em grupo, mas também com solistas.

Grandes nomes do “Tribal Fusion” fizeram parte do *Ultra Gypsy Dance Theatre*, como: Lady Fred, Rose Harden, Sharon Kihara e Rachel Brice, sendo esta considerada a artista mais famosa e influente do Tribal Fusion / Fusion BellyDance. No entanto, ela mesma escreve: “Os heróis de dança reais que criaram e alimentaram minha linhagem na dança foram: Jamila Salimpour que ensinou John Compton e Masha Archer, que ensinou Carolena Nericcio, que ensinou Jill Parker, que ensinou Heather Stants, que ensinou Mardi Love, que tudo me ensinou.”

Rachel foi “descoberta” pelo empresário Miles Copeland, e passou a integrar a companhia BellyDance SuperStars, onde também fizeram parte Kami Liddle, Mardi Love, Zoe Jakes, Elizabeth Strong, Sabrina Fox, entre outros nomes do Tribal Fusion.

No mesmo ano, Rachel montou sua própria companhia, a Indigo BellyDance Company, ao lado de Mardi Love e Zoe Jakes, e sua imagem, além da sua própria dança, se tornou a principal referência para o Tribal Fusion. Desde os figurinos e adornos, até às movimentações “serpentinhas” e sua expressão mais misteriosa que poucas vezes sorria.

Além destes, outras companhias e artistas fizeram um grande marco para o que conhecemos como o período “Old School” do Tribal Fusion (fim dos anos 90 / início dos anos 2000). São eles: o *Urban Tribal*, criado por Heather Stants, que introduziu novos

elementos ao Estilo Tribal, incluindo uma estética minimalista, música eletrônica underground e elementos de dança moderna; a *Urban Dance Company* (San Diego) influenciada pelo hip-hop e outros estilos de danças urbanas, o grupo era um contraste com outros artistas do Tribal Fusion; o *Unmata* (de Amy Sigil) que desenvolveu o que conhecemos como ITS (antes “Improvisational Tribal Style”, agora “Improvisational Team Sync”), seguindo a linha de improvisação coordenada em grupo, porém com um vocabulário gestual e códigos diferentes do FCBD®Style; *Ariellah*, grande responsável pelo que hoje conhecemos como Dança do Ventre Gótica ou Dark Fusion Bellydance; *Mira Betz*, que além de ter sido aluna de Jamila e Suhaila, também foi aluna da Katarina Burda por mais de 10 anos, tem em sua formação Salsa, Dança Moderna, Jazz e Flamenco, e é muito conhecida por sua teatralidade/expressividade. Entre outros.

Aos poucos o Tribal Fusion foi ganhando espaço no mundo enquanto modalidade de dança e em cada lugar aonde chega, agrega elementos da cultura local. Nesse sentido o estilo promove a conexão de diversas culturas, representando-as sob a mesma ótica e fundamentos próprios do estilo.

No Brasil o Tribal chegou na década de 90 e aos poucos foi incorporando elementos da cultura brasileira nas coreografias e nos figurinos. Danças populares nordestinas como o Maracatu, o Côco, o Cavalo Marinho e o Afoxé são algumas das danças que hoje foram absorvidas pelo repertório de movimentos de muitas companhias e bailarinas de todas as regiões do nosso país.

Hoje o Tribal Fusion (também conhecido por “Fusion BellyDance”, “Dança de Fusão Étnica e Contemporânea”, entre outros nomes) possibilita a dançarina incorporar na sua dança experiências únicas individuais e corporais, produzindo novas formas de expressão e percepção, onde a mesma tem autonomia para construir suas próprias particularidades coreográficas e tocar o público com aquilo que somente ela pode transmitir. Reafirma uma identidade sem perder as bases, as raízes técnicas e culturais.

O seu toque contemporâneo abre um arsenal de sistemas e métodos desenvolvidos da dança moderna e pós-moderna, que transcende a técnica específica que é característica da arte da dança. O corpo como é visto na dança contemporânea e suas técnicas somáticas e corporais, e de condicionamento físico, tornam o trabalho de conscientização corporal e do movimento necessidades existentes dentro do Tribal Fusion.

Esse estilo também não reduz a dança apenas a repetições mecânicas do movimento. A transgressão das regras na desconstrução de gestos base do “Estilo Tribal Americano” e de outras danças usadas na fusão, deixando o corpo fluir de acordo com os movimentos sentidos pela experiência técnica e expressão própria do artista, enraizados na movimentação espontânea do corpo cênico, é o aditivo, o fascínio da expressão livre; fugindo às regras rígidas folclóricas e étnicas em rumo a inovação do contemporâneo. Uma arte em que passado, presente e futuro se interagem, expressando livremente com bases e princípios que levam a meios infinitos.

Hoje vemos as Danças Milenares adaptando-se às necessidades culturais modernas de forma contagiante. Uma Arte onde Oriente e Ocidente, étnico e contemporâneo se fundem e dialogam criando estilos diversos de grande riqueza artística.

A Fusão é a união das Danças do Mundo, que a modernidade com a interação entre os povos, sentiu necessidade, e tornou naturalidade na sociedade contemporânea.

Material redigido por Jessie Ra'idah e Rhada Naschpitz;

FONTES:

“From Many Tribes”, por Jamila Salimpour

http://www.suhailainternational.com/Pages/Article/from_many_tribes.pdf

“O tribal do Tribal, parte3: O tribal de Masha Archer”, por Natália Espinosa

<https://medium.com/@nataliaespinosa/o-tribal-do-tribal-parte-3-o-tribal-de-masha-archer-55b706f94825>

“O que é o American Tribal Style® Belly Dance?” por FatChance BellyDance®

<https://fcbd.com/about/about-ats/>

“Jill Parker e a Criação do Tribal Fusion”, por Natália Espinosa

<https://congressotribalcom.wordpress.com/2019/01/08/jill-parker-e-a-criacao-do-tribal-fusion/>

“O Corpo entre ‘Concertos’ e ‘Consertos’: Um estudo sobre a Dança Tribal”, por Jamille Berbare

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118279/000741865.pdf?sequence=1&isAllowed=y>